

Entrevista com Marcos Krehe Salvador, indígena Kaingang, vice Cacique da Aldeia Gyró, de Pelotas.

Tema: Trajetória da comunidade Kaingang Gyró em Pelotas e contribuição do Programa de Extensão Sustentabilidade no Habitat Social na consolidação da aldeia.
Por: Fernanda Tomiello (fernanda.tomiello@ucpel.edu.br) - Programa de Extensão Sustentabilidade no Habitat Social do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Católica de Pelotas.



Marcos Salvador e Fernanda Tomiello durante a entrevista. 2021. Foto de Gabrielly de Moraes Teixeira, bolsista do Habitat Social.

Marcos, em 2015 vocês vieram da Aldeia Kondá, de Chapecó pra Pelotas e eram cerca de 16 famílias que se instalaram às margens da BR 216, perto da rodoviária. Como foi esse período inicial, quais foram as maiores dificuldades?

Então, pra complementar a pergunta, primeiro essas famílias vieram de Chapecó, da Aldeia Kondá. Há muito tempo as nossas famílias trabalham só com a venda de artesanatos e então, no período de verão, as nossas famílias viajam muito para o litoral, elas fazem esse deslocamento para a venda de artesanato. Fazendo isso teve em dia em que o meu pai, que já conhecia essa região (quando ele era um pouco mais novo ele passou por aqui)... teve um dia em que a gente veio pra cá pra passar o dia com o artesanato e comercializamos bem aqui e vimos que o nosso artesanato era uma novidade em Pelotas. A partir daí, voltando pra Chapecó, nós retornamos pra Aldeia Kondá e lá planejamos, nossa família, meu pai, cunhado, a irmã do meu pai começaram a articular uma viagem pra Pelotas. Eles disseram que “eu acho que a gente tem que retornar pra Pelotas um dia, fazer um Natal por lá, Páscoa ou Natal, e vamos vender nossos artesanatos lá porque vimos que o pessoal gostou, é uma novidade então e gente vai pra lá com bastante artesanato e comercializamos”, foi isso que aconteceu. Então viemos no ano de 2014 pra 2015 pra cá, num dia ou 14 ou 15 de novembro, porque quando a gente vai fazer uma temporada a gente vai um pouquinho antes, um mês antes, pra que a gente possa ficar um lugar pra se organizar e tal, montar o acampamento onde a gente vai ficar. Então aconteceu isso, chegamos no Município de Pelotas, onde agora a gente tá. Chegamos, montamos nosso acampamento em

frente à rodoviária e as nossas tendinhas pra começar a comercializar o nosso trabalho, os nossos artesanatos. Então, a partir daí, ficamos ali, chegou o Natal, comercializamos nossos artesanatos (...) e estava previsto pra gente retornar no dia 27, final do mês né, porque esse é o tempo que a gente fica quando a gente vai pra um lugar comercializar os nossos artesanatos. A partir daí ficamos, ficamos... quando chegamos em Pelotas a gente foi recebido bem, tanto o pessoal da Prefeitura, o pessoal da Assistência Social, pessoal do Conselho Tutelar... a gente foi bem recebido por esses órgãos e é muito raro a gente ver um município receber indígenas bem assim. E isso foi muito diferente aqui pra nós. E a partir disso (...) o pessoal começou a querer nos ajudar, a articular, a procurar soluções pra ajudar, de que forma, se a gente tava precisando de algum alimento, precisando de água, aonde que a gente tava, se tava bem ali e tal, começamos a falar com a Prefeitura, dizer que a gente veio aqui pra fazer uma temporada, tem uma data pra gente retornar pra Chapecó, pra Santa Catarina, a gente mora lá, e a Prefeitura autorizou a gente a ficar ali por essa temporada, por essa data. A partir daí, como o meu pai, a minha família começou a gostar, falaram “ah, o lugar de Pelotas a gente foi recebido, então vamos passar a Páscoa, vamos ficar até a Páscoa já que tá aqui, vender os cestinhos, os balainhos (...)”. A partir daí o meu pai, a minha família disseram “olha, acho que a gente tem que montar uma aldeia aqui, que que tu acha? Eu acho que é o nosso lugar”.

Que legal, vocês se sentiram atendidos aqui então?

Sim, porque a partir disso começamos a (...) se mostrar, a entrar em contato com algumas pessoas, a chamar jornalistas, pra que eles possam mostrar a gente, os nossos artesanatos, o local onde a gente

tá pras pessoas verem que tem indígenas aqui que vivem do artesanato. Foi indo que foi uma novidade tão grande e a partir daí bastante coisa aconteceu, mudou o ambiente, começamos a receber pessoas (...).

Um conjunto de coisas legais, então? Eu te perguntei das dificuldades, mas tu falastes mais até das coisas boas!

Mas também tivemos uma dificuldade. Porque foi a partir daí que quando nós decidimos morar aqui a gente viu que a gente tava na dificuldade (...), o lugar ali não era adequado, o ambiente... não dá. Embaixo de barracas, o local perigoso, teve acidente, não foi nada grave mas a partir daí começamos a nos articular, sentamos juntos, conversamos, que a gente agora vai fazer, já que a gente decidiu que a gente vai morar aqui. Porque quando o índio, o Kaingang, quando ele se estabelece, quando ele forma uma aldeia, quando ele vai formar uma aldeia eles sentam juntos e começam a fazer uma roda de conversa pra que eles possam colocar uma pessoa pra que ele possa ser o líder desta família, pra que ele possa vir buscar soluções, buscar se articular, falar com a prefeitura e tal, fazer toda essa articulação (...) achar uma pessoa pra que ele possa estar de Cacique né, nós chamamos de Cacique uma liderança indígena. A partir daí que a gente botou o Pedro né, que é o Cacique, até hoje ele é o Cacique ainda, e também o Alcir, que é o meu tio, que é o irmão do meu pai.

Então Marcos, em 2016 vocês conseguiram propriedade na Colônia Santa Eulália onde hoje a Aldeia Gyro, como foi essa transição para lá?

Como eu disse, a gente também teve

bastante apoio da prefeitura, o próprio prefeito e vereadores. Eu me lembro muito bem que o Reinaldo Tillmann também foi protagonista também dessa articulação juntamente conosco, acompanhou. Teve também o pessoal das universidades que acompanharam bastante essa articulação. A partir daí começamos a fazer uma conversa com a prefeitura e a gente disse para a prefeitura: "Olha, a gente está ali e a gente quer morar aqui e no local que a gente tá é um pouco perigoso e a dificuldade é tanta e ali não é um lugar apropriado para se montar uma aldeia". A partir daí a prefeitura começou a atender essa demanda nossa. A partir disso a prefeitura começou a alguns lugares, alguns espaços que a prefeitura tem. Foi aí que a gente foi no local que hoje a gente está onde que hoje é a nossa aldeia agora na Colônia Santa Eulália. Fomos para lá, a prefeitura também nos deu grande apoio de pegar as famílias, pegar as coisas e de a gente se deslocar para lá e chegando no local começamos a montar de novo o acampamento. Quando mostraram o lugar para a gente era um lugar de 7,5 hectares que a prefeitura estava cedendo para a aldeia e para os indígenas para o usufruto de sua cultura. A prefeitura deu o decreto para que a gente possa estar naquele lugar mas a gente ficou muito tempo também embaixo de barraca. A prefeitura também nos apoiou nessas partes de como montar a estrutura de onde (montar), a prefeitura também foi fundamental para essa nossa formação dessa aldeia. A gente passou um bom tempo também debaixo de barracas até que a gente pudesse nos articular também, pudéssemos procurar algumas pessoas para que pudessem nos ajudar na parte da habitação, de melhorar porque a gente ficou seis meses embaixo de barracas desde que a gente foi para lá (...).



Primeiras instalações da Aldeia Gyró na Colônia Santa Eulália. 2017. Foto: Acervo do Habitat Social.

Muita gente, Marcos, nunca acampou, nunca ficou em barraca. Qual é a dificuldade, como é que é com frio, com a chuva... como é morar na barraca, com criança, enfim...

Olha, a barraca, ainda mais um acampamento... mas acho que isso depende também do costume. O acampamento pra pessoa que gosta de fazer, tem que gostar também de fazer o acampamento. Eu acho que isso também já vem do nosso costume, da nossa natureza também. Então isso para nós não é uma coisa assim, né... mas é ruim. Ainda mais num lugar que você tá e não tiver uma sombra né. Agora, se você montar uma barraca embaixo de uma sombra boa ali, de uma árvore... bah (...). Mas quando nós chegamos nesse local que a gente está, era um lugar que não tinha lá a sombra e tal no lugar onde que a gente ia montar nosso acampamento tinha só né os pessegueiros ali mas não tinha como dar sombra. Mesmo assim a gente montou porque a gente já sabia que a gente ia ter um apoio. “Vamos montar essa barraca mas vamos tentar aí algum apoio aí pra gente tentar passar dessa dificuldade. Mas num lugar de frio e frio

né. Mas como a gente tem o costume também de fazer muita fogueira e tal a gente montava uma barraquinha ali fazia o fogo de chão e ia indo, né. Fazer o nosso... é um costume nosso. (...) A gente passou também alguns temporal, né, eu me lembro muito bem que a gente teve dois temporal que a gente pegou, que ainda estava embaixo de barraca. Muitas vezes hoje a gente fala da dificuldade nossa, que a gente passou e isso fica na memória, fica na história, e isso também quando a gente for lembrar isso fortalece a nós, e fortalece a nossa cultura, fortalece nossa comunidade, fortalece nós como indígenas também. Essas dificuldades que a gente teve fica na história mas também fortalece uma resistência que a gente tem (...). Quando hoje eu lembro e falo disso eu tenho orgulho dessas coisas, os obstáculos, pelas dificuldades que passamos e das coisas que a gente vem conquistando. Então vale a pena a gente muitas vezes passar por tudo isso porque isso é um aprendizado pra gente. (...) Se tem uma dificuldade a pessoa tem que lutar, né, então isso pra gente foi uma resistência.

Bom, então em 2017, Marcos, iniciou o projeto habitação Kaingang, que foi com recursos do Ministério Público Federal e gestão da Cáritas Arquidiocesana de Pelotas. E nesse momento então, o Programa de Extensão Sustentabilidade no Habitat Social foi chamado para desenvolver para executar esse projeto com vocês, para contribuir nesse processo. Como é que vocês veem essa contribuição da extensão nessa etapa de fazer as casas, de se consolidar como aldeia.

(...) O Ministério Público viu a nossa dificuldade então ele entrou com recurso para que a gente pudesse

fazer umas casas, para que a gente pudesse sair debaixo de lonas, porque vendo nossas crianças e tal passando frio (...). A partir daí a própria Cáritas Arquidiocesana também abarcou isso, a pegar juntamente conosco e ver de que forma a gente ia fazer, juntamente com os indígenas, também a universidade, tanto que a universidade fez, montou o projeto. Acho que a dificuldade que a gente teve com a universidade foi de a gente se entender, porque pra universidade foi uma novidade também. Quando alguém não sabe como é o sistema, o costume, de que forma o indígena... ele tem aquela visão, né. Então acho que tivemos algumas dificuldades de dialogar e tal, enfrentar. Foi indo que teve o primeiro projeto.



Professor Noé Vega mostra a maquete do primeiro projeto para o Cacique Pedro Salvador. 2017. Foto: Fernanda Tomiello.

Lembro muito bem que quando a universidade começou a fazer o projeto mostrava ali pra gente. Quando mostrávamos pra comunidade, sentávamos juntos, nós como lideranças indígenas sentávamos, chamávamos as famílias e falávamos pras nossas mulheres, pras famílias dizendo “olha, esse daqui vai ser o projeto e tal”. Algumas pessoas concordavam e foi indo, mas levava essa demanda de novo pra universidade, pro pessoal da universidade pra que eles pudessem...

então foi indo, foi indo que a gente... fizemos a primeira casa lá na aldeia. O primeiro projeto para que a gente pudesse ver de que forma ela era e tal pra ver se o pessoal, a família se adaptava aquele projeto, o primeiro projeto que feito. Para ver se a pessoa ia gostar, se os indígenas iam gostar né. Mas foi feito o primeiro projeto e quando vimos, os indígenas, nós indígenas, as famílias não se adaptaram naquele primeiro projeto, tinha que mudar o projeto. Eu me lembro muito bem que a gente foi ali na universidade, até fizemos tipo um desenho né, sentamos, foi que deu tudo certo... acho e a universidade também entendeu o que a gente queria, começou a ouvir mais a gente também, ouvir mais os indígenas.



Cacique Pedro Salvador fala para os estudantes que a comunidade prefere uma casa com duas águas. Ao fundo, uma unidade habitacional executada a partir do primeiro projeto, que não atendeu as expectativas da comunidade. 2017. Foto: acervo Habitat Social.

Então acho que isso foi também uma novidade para uma universidade, eu acho que foi uma coisa bem como um aprendizado para todo mundo. Então tanto nós aprendemos (...) que também a universidade aprendeu muita coisa com a gente. Até hoje a gente segue nessa troca. Então foi uma experiência tão grande, tanto para a universidade quanto para nós também, nós nunca também, principalmente eu nunca, nunca sentei assim com a universidade

pra fazer tudo isso. Então fazendo isso né, as 16 casas, começamos a construir juntamente. A segunda planta do projeto deu certo. Foi daí que começamos a trabalhar, nós indígenas também ajudamos a construir, né, então isso foi gratificante para nós.



Execução de uma das casas, baseada no segundo projeto, em regime de mutirão. 2018. Foto: Acervo Habitat Social.

Eu lembro que o primeiro projeto era uma casa mais alta, com um mezanino, a gente teve dificuldade para executar, não ficou tão tão bem como vocês queriam, não era bem o que vocês imaginavam e a partir do segundo projeto é que as coisas começaram a andar que a gente conseguiu dar um ritmo, para conseguir... porque eram várias casas, foram 16 casas...

Mas deu tudo certo. Hoje o pessoal tá, agora não tá mais embaixo de barraca, né. Agora já faz acho que os dois ou três anos que a gente já está lá embaixo dessas casas aí, dessas 16 casas, foi bom e isso ficou para a história nossa também né.

Então, Marcos, nós conseguimos fazer as casas, vencemos as dificuldades iniciais... e o que mudou para vocês lá no dia a dia depois de sair da barraca, de ir para as casas, de ter o banheiro comunitário, com chuveiro, com vaso, o que mudou no cotidiano de vocês lá?

Olha primeiro mudou... mudou o nosso jeito de viver. Mudou, primeiro mudou as casas. A gente saiu da barraca pra uma casa um pouco melhor, melhor. Então a partir daí o pessoal começou a trabalhar tranquilo (...), as famílias ficaram mais tranquilas, nossas crianças agora ficam mais tranquilas, né? Mudou tanto a parte da saúde também porque quando a gente estava embaixo de barraca a saúde (...) estava exposta, a gente estava exposto (...). Acho que primeiro de tudo mudou a saúde, as famílias hoje estão bem, estão trabalhando tranquilos (...). Agora dá pra construir uma hortinha, dá pra criar algum bichinho, dá pra ter alguma coisinha boa dentro de casa porque agora, a partir daí, começou a mudar. Quando o pessoal estava embaixo de barraca não tinha como o pessoal se estruturar bem, eles queriam fazer alguma coisa boa e não tinha como, porque se a gente comprava alguma coisa comprava alguma coisinha, se botasse embaixo de barraca não dava. A partir daí quando o pessoal entrou embaixo das casas começaram a comprar algumas coisinhas, agora tem as suas próprias coisinhas boas. Então mudou essa parte, o ambiente mudou. O pessoal começou (...) a fazer sua comidinha também boa, (...) um lugar limpo, não estão expostos a coisas que prejudiquem sua saúde, mudou o ambiente. Então isso foi uma mudança tão um grande a partir das casas (...).

Imagem recente de uma das casas da Aldeia Gyry. 2019.



Foto: Volmyr Kanyje.

Então agora nós estamos trabalhando juntos novamente no projeto do Centro Cultural Kaingang. Então quero te perguntar o que esse espaço, o que o centro cultural significa para a comunidade de vocês, pra identidade indígena?

Então a gente sempre fala muito da nossa cultura e a gente quer manter a nossa cultura, quer preservar alguns conhecimentos que a gente tem. A gente falava muito disso porque hoje tem várias aldeias que têm lugares, espaços. (...) Todo o dia 19 de abril se comemora a Semana Indígena, a Semana Cultural Indígena e estávamos assim pensando em um dia a gente ter uma sede, um ambiente cultural para que a gente pudesse receber o pessoal, receber a universidade, receber os apoiadores nossos. Tanto pra nós, pra que a gente possa fazer as nossas rodas de conversa num lugar próprio, num lugar que pudéssemos nos abrigar. Então a gente pensou em fazer um centro cultural, a gente começou nós mesmo fazendo, com o apoio da prefeitura a gente fez a nossa primeira casa cultural com palha de palmeiras. Então começamos a construir a primeira semana cultural, nós mesmo construímos. A partir daí a gente disse: “não, vamos fazer um projeto, a gente tem que mandar um projeto e ver se a gente consegue alguma verba,

alguém que pudesse nos ajudar nessa parte pra construir esse centro cultural”. Foi aí que começou a procurar a universidade pra que pudesse fazer esse projeto para gente, para que pudesse ver se alguém pegava esse projeto e ver se conseguia alguma verba. (...) Foi aí que a universidade fez o projeto para a gente e a gente encaminhou, fomos à Cáritas também e a Cáritas achou algum parceiro para que pudesse nos doar esse valor pra que a gente pudesse construir esse centro cultural. Então esse centro cultural pra nós indígenas é uma resistência também, a gente tinha que ter esse centro cultural dentro da nossa aldeia porque esse centro cultural para nós é uma coisa sagrada.



Centro Cultural Kaingang, mais uma parceria com o Habitat Social com execução em andamento. Ao fundo as casas da comunidade. 2021. Foto: Fernanda Tomiello.

A gente sabe a importância desse centro cultural pra nossa resistência, pra nossa história (...) é um patrimônio também nosso. Então é um lugar aonde que vai acontecer muitas coisas, ele serve tanto pra apresentações culturais, é onde que a gente vai mostrar o nosso conhecimento e que a gente vai ter a nossas rodas de conversa juntamente com os apoiadores e nós indígenas. Nele vai ser discutido tanto tanta parte da saúde, tanto a parte da comunidade interna, também é onde que a gente vai ter tanto educação, saúde, tanto receber nossos parentes, receber o pessoal das

universidades e escolas, todo tipo de pessoal, de apoiadores... é esse centro cultural. Ele vai estar recebendo então era muito importante para nós a gente ter esse centro cultural, é ele que vai estar fortalecendo a nossa comunidade indígena.

Então, Marcos, agora o que vocês já tem as casas lá, os banheiros e o centro cultural... quais são os próximos passos da comunidade de vocês da aldeia Gyró? O que vocês estão pensando daqui para frente?

Olha, daqui para frente, a partir de agora a gente está lutando bastante sobre a saúde e a questão da educação também, pra que a gente venha a ter um atendimento melhor, não é? (...) E a partir de agora também a gente está pensando o lugar. No nosso caso o nosso lugar ali está ficando pequeno também né. Então a gente também está pensando pra frente, para ver se a gente consegue mais algum espaço, né. (...) Tem bastante coisa pra a gente buscar, mais projetos, porque temos aí projetos federais, projetos estaduais e projetos municipais para que a gente venha buscar esses projetos pra a nossa comunidade. Mas a partir de agora nosso foco é o espaço, porque no espaço pequeno não tem como a gente pensar uma coisa grande agora.

Marcos, muito obrigada pela entrevista! Acho que conseguistes contar bastante coisa dessa trajetória de vocês desde lá da aldeia Kondá até agora e a gente espera poder seguir compartilhando um pouco dessa história com vocês, participando, acompanhando, aprendendo também.

*Esta não é uma transcrição integral da entrevista, ela foi resumida para viabilizar a publicação, sem supressão de trechos importantes ou alteração do conteúdo e sentido.